

Assenhoreada do poder a facção libertecida da rainha e do infante, não podia deixar de ser incluído na lista dos proscriptos o nome de Mousinho da Silveira, como liberal e amigo do rei que era.

Mousinho foi preso para o Castello, commuitos outros cidadãos, até que, posto el-rei a salvo a bordo da nau inglesa *Windsor Castle*, a conspiração ficou sem fim, os conjurados desanimados, e restabelecido o predomínio da ordem legal, foi posto em liberdade como as demais victimas.

Durante o resto do reinado de D. João VI e da regencia da infanta D. Isabel Maria, não ha facto publico que haja de mencionar-se na vida de Mousinho da Silveira.

Refere porem relativamente a este periodo, o visconde d'Almeida Garrett:

Seus modos francos e originaes, a transcendencia do seu espirito e um honrado proceder lhe grangearam a amizade de dois embaixadores, que entre si dividiam toda a influencia da epocha e da situação — com o da França, M. Hyde-de-Neuville, era intima e cordeal a sua amizade. Ao da Inglaterra Sir W. Acconst (lord Heytesbury) não devia menos estima. N'este circulo diplomatico em que vivia se distinguiam tambem, entre outros, o barão de Palencia, ministro da Russia, e aquelle nosso bom, galante e de tão saudosa memoria o cavalheiro Dalborgo, tantos annos encarregado de negocios da Dinamarca na nossa côrte e hoje residente na de Madrid, onde suas amaveis qualidades lhe obtiveram a mesma estima e afeição, e onde, pela generosidade com que, n'aquelle paiz classico das proseripções, estendeu a bandeira dos antigos reis dos mares sobre tanta victima do fanatismo politico, mereceu que a rainha catholica o saudasse do bem servido titulo de barão do Asylo.

Merece referir-se, porque melhor faz conhecer o homem e avaliar seu caracter, que, ao mesmo tempo, que assim vivia com o corpo diplomatico e com as pessoas que então se podiam chamar do partido d'el-rei ou moderados, Mousinho conservava sempre suas antigas relações de amizade com muitos dos principaes influentes no partido retrogrado, das violencias, ou, para o definir melhor, do infante. Sua velha e constante amizade com a então omnipotente familia dos Guiões nunca foi alterada. Tam pouco se mudou depois quando a fortuna a desamparou e a maior parte dos outros amigos se lhe foi com ella.*

Por alvará de 8 d'agosto de 1825, foi concedido a José Xavier Mousinho da Silveira o fôro de fidalgo-cavalleiro.

Por virtude de uma graça especial e parece que só depois de José Xavier ter sido ministro pela primeira vez, é que D. Domingas da Conceição entrou na posse do vinculo da Silveira.

José Xavier casou nas Caldas da Rainha com D. Thereza Guillermina, natural de Setubal, em junho de 1827, do qual consorcio houve um unico filho por nome João.

Não podemos furtar á publicidade um documento original que temos presente, transcrevendo parte de uma carta dirigida de Lisboa por José Xavier a sua mãe, datada de 14 de novembro de 1827 e em que no seu estylo caracteristico desafoga as magoas da vida publica, patenteia a grandeza do caracter, a honradez da consciencia e a fé dos seus principios democraticos.

Escrevia Mousinho da Silveira:

«... eu conto em pouco tempo tornar á vida particular, nem mesmo é possivel manter a publica, não tendo eu já paciencia para soffrer, nem forças para bater tantos inimicos como tem o mundo, que me fazem guerra aberta, porque eu só faço o que devo e nem meio favor a alguem. A Senhora Infanta queria cousas sem direitos e eu disse que os havia de pagar, porque tinha dotação e pagou-os; quiz fazer uma lei nova prohibindo